

O imperialismo, a Opressão das Mulheres e a Luta pela Libertação

Diretrizes Políticas para Mulheres Revolucionárias Trabalhadoras

Resolução do 2º Congresso Mundial da Corrente Comunista Revolucionária Internacional (CCRI), novembro / dezembro de 2017 (elaborado pela Secretaria Internacional da Mulher), www.thecommunists.net

1. As mulheres são o sexo mais fraco, mas apenas na hierarquia de uma sociedade de classe.

A opressão das mulheres é uma parte orgânica do capitalismo, da mesma forma como ocorreu em sociedades de classes anteriores. Todas as classes dominantes da história humana utilizaram a opressão das mulheres para manter seu poder e enfraquecer todas as classes oprimidas. As mulheres não estão agora, nem foram consideradas iguais no passado. Nós fomos aquelas que são exploradas e oprimidas em todos os campos da vida. Como os homens, sofremos racismo, opressão nacional e exploração enquanto mulheres trabalhadoras. Mas, além de todas essas formas de discriminação existentes, somos automaticamente colocadas em desvantagem na sociedade capitalista devido ao nosso sexo. Esta discriminação não está baseada em quaisquer diferenças biológicas ou mentais entre homens e mulheres, mas como sendo o resultado do surgimento da propriedade privada como meio de produção (dominado por homens), de forma concomitante a designação para as mulheres como principal responsável pelo trabalho doméstico e assistência à infância, e as sociedades baseadas em classes resultantes dessas situações. Portanto, em contraste com as mulheres da classe dominante, nós, como mulheres da classe trabalhadora, junto com nossas irmãs pobres rurais e urbanas, não esperamos alcançar a igualdade com os *homens* da classe dominante dentro do sistema capitalista existente. Não, nós queremos erradicar a sociedade baseada em classes como um todo e estabelecer uma sociedade socialista, uma sociedade sem exploração e sem opressão.

2. A sociedade de classe de hoje é o capitalismo, "a época da burguesia", como o famoso revolucionário Karl Marx a caracterizou.

O atual sistema de classes, o capitalismo, tem dois campos principais: a classe dominante (capitalistas / burguesia) e a classe oprimida criada pelo capitalismo, ou seja, a classe trabalhadora

(o proletariado). O último é o único em toda a história da humanidade, pois é a classe que pode abrir caminho para uma sociedade futura sem exploração e sem opressão. Porque isto é assim? Primeiro, a classe trabalhadora é a fonte da criação de toda a riqueza. Em segundo lugar, o proletariado não possui nenhum meio de produção além da própria força de trabalho. Nisto ela é diferente da classe capitalista, que não cria riqueza, mas que possui e gerencia os meios de produção. Na ordem mundial atual, são os capitalistas que controlam os governos e constituem a classe dominante. Em terceiro lugar, a classe trabalhadora é uma classe coletiva e sua luta não levará a uma nova sociedade baseada na propriedade privada, pelo contrário será baseada na produção socializada. Assim, a luta da classe trabalhadora é a condição prévia para a criação de uma sociedade sem classes em que a riqueza atenda os interesses de todas as pessoas. Mas, em

contraste com o capitalismo, e, por definição, uma sociedade sem classes não terá classe ou camada que viva do trabalho dos outros. O trabalho e a riqueza serão compartilhados igualmente por todas as pessoas, criando assim uma sociedade de liberdade, paz e igualdade. Tal sociedade é chamada de socialismo. Nós, como mulheres, constituímos metade da classe trabalhadora e representamos pelo menos metade dos pobres rurais e urbanos do mundo. Juntos, temos o maior interesse em esmagar a ordem mundial atual. A libertação do nosso sexo está intrinsecamente ligada à luta pelo socialismo.

3. Sob o capitalismo, não pode haver uma unidade autêntica de todas as mulheres, porque as mulheres da classe dominante nos oprimem e exploram, assim como os homens o fazem.

Nossa luta é contra os opressores de ambos os sexos. Devemos lutar contra a classe dominante ao lado de nossos irmãos de classe. Devemos combater o atraso e o sexismo dentro das fileiras da nossa própria classe junto com nossos irmãos de classe progressistas. E devemos lutar contra o equívoco de uma unidade de classe entre todas as mulheres. Em vez disso, lutamos unidos com nossos irmãos de classe pela libertação das mulheres, juntamente com todas as outras pessoas oprimidas e para o futuro da raça humana. Todas essas tarefas estão intrinsecamente ligadas entre si. Como o grande revolucionário Friedrich Engels formulou em 1888: "(...) *hoje em dia, chegou-se a uma etapa onde a classe explorada e oprimida - o proletariado - não pode alcançar a sua emancipação do domínio da classe exploradora e dominante - a burguesia - sem, ao mesmo tempo, e de uma vez por todas, emancipar a sociedade em geral de toda exploração, opressão, distinção de classe e lutas de classe*".

4. Enquanto que as classes oprimidas devem estar unidas em sua tarefa histórica para esmagar o capitalismo, independentemente do sexo, idade e nacionalidade, reconhecidamente há diferenças nas suas respectivas experiências pessoais e coletivas de opressão e exploração.

Por exemplo, os imigrantes, além da opressão capitalista, também enfrentam o racismo; as mulheres se defrontam com o sexismo; e os povos dos países semicoloniais (os do continente africano, da América Latina, da Ásia, com exceção da China, do Japão e da Coreia do Sul, bem como da Europa Oriental) devem enfrentar a exploração imperialista. O mundo está dividido em dois grandes campos: o proletariado e a burguesia (oprimidos e opressores) - mas também está dividido em dois campos relacionados a estados-nações: os países oprimidos e os países opressores. Os países pobres do mundo são economicamente saqueados pelos países ricos, independentemente da formal independência política do primeiro. Essa exploração é uma parte integral e orgânica da última etapa do capitalismo decadente, o imperialismo. Durante o capitalismo da etapa imperialista, é crucial que aprendamos com todas as experiências de opressão, assim como de todas as lutas de resistência contra ela. As experiências de nossos irmãos e irmãs nos países oprimidos - os países semicoloniais - são, portanto, cruciais para todos nós envolvidos na luta revolucionária. Como a famosa mulher revolucionária Rosa Luxemburgo disse há um século, de agora em diante, existem apenas duas alternativas possíveis para a humanidade "*socialismo ou barbárie*".

5. O imperialismo envolve a super-exploração brutal dos países pobres do mundo e a opressão desumana das mulheres pobres.

No entanto, a mídia burguesa espalhou a ilusão de que certas partes do mundo são democráticas e livres. Mas cada um dos elementos progressistas e cada reforma nas sociedades de hoje só existem graças a dois fatores principais: primeiro, as lutas historicamente bem-sucedidas dos trabalhadores e oprimidos por alcançar essas reformas. E segundo a prontidão das classes dominantes para pacificar camadas inteiras das classes oprimidas e enfraquecer sua resistência. Esta é a razão pela qual, por exemplo, os países ricos podem criar a ilusão de igualdade relativa das mulheres. Parece que as mulheres nos países imperialistas são *quase* iguais, devido a reformas que lhes dão vantagens que as mulheres nos países semicoloniais não possuem. No entanto, enquanto as mulheres das classes oprimidas nos países imperialistas estão longe de ser iguais aos homens de suas respectivas classes, são as mulheres nos países semicoloniais que experimentam toda a extensão da brutalidade da besta imperialista. Mas as mulheres revolucionárias não aceitam a igualdade relativa de uma parte do mundo, pelo contrário, lutam pela igualdade total para alcançar todas as partes do mundo. Esta luta baseia-se em um programa revolucionário pela libertação de todos os trabalhadores e oprimidos. Parte desse programa é a luta pela libertação das mulheres nos países semicoloniais.

6. Um programa revolucionário para a libertação das mulheres dos países pobres baseia-se na sua libertação econômica, política e ideológica.

É tarefa de todos os revolucionários em todo o mundo, independentemente de gênero, idade ou nacionalidade, lutarem juntos com as mulheres nos países semicoloniais para sua libertação. Nessa luta, as mulheres dos países pobres são mestras. Nós, mulheres nos países pobres, temos experiências únicas para compartilhar e somos as arquitetas do nosso futuro. Além disso, as mulheres dos países semicoloniais também são uma parte crucial e líder na construção de um movimento revolucionário internacional de mulheres e do partido mundial revolucionário. Não é exagero dizer: nada disso pode ser alcançado sem o papel principal desempenhado pelas mulheres dos países semicoloniais.

7. Desenvolvimento econômico significa menos isolamento para as mulheres.

Na África negra, assim como no sul da Ásia, mais de 60% (em alguns países, mesmo mais de 80%) de todas as mulheres trabalhadoras se ocupam na agricultura. Muitas vezes concentradas em ocupações esgotantes e fisicamente desafiadoras, essas mulheres trabalhadoras muitas vezes não são remuneradas ou são remuneradas muito mal. Não é de admirar que na África negra apenas 21,4% das trabalhadoras sejam assalariadas. No sul da Ásia, o número é ainda menor (20%). Todas as outras mulheres que trabalham estão ocupadas em trabalhos relacionados à família, principalmente agrícolas. Independentemente da relação concreta com os membros da família, não há nada de paraíso sobre o trabalho agrícola e familiar. Trabalhar em fábricas e outros campos profissionais também é difícil, mas pelo menos oferece a possibilidade de se comunicar com muitas outras mulheres trabalhadoras (e homens) e de trocar experiências. Além disso, as mulheres que trabalham em fábricas e outros campos profissionais recebem um salário e, portanto, têm uma base para a relativa independência econômica visível. Qualquer que seja o relacionamento concreto com os parentes do sexo masculino, uma base economicamente independente é sempre uma vantagem para as mulheres. Por esta razão, as

mulheres revolucionárias lutam por programas de emprego público que possam aumentar a integração das mulheres na classe trabalhadora (na agricultura também) e salários mais altos para as mulheres. Elas lutam contra a dependência das mulheres dos parentes do sexo masculino. Como afirmou a líder revolucionária, Alexandra Kollontai, as mulheres que fazem parte da classe trabalhadora também se tornam mais "*independentes dentro do lar e independentes fora do lar*".

8. Os sindicatos militantes são cruciais para a organização das mulheres da classe trabalhadora contra a arbitrariedade de seus chefes.

Nós, como mulheres da classe trabalhadora, ganhamos uma independência importante de nossos homens quando temos nossa própria renda. No entanto, isso não significa que a luta pela igualdade e independência seja completa para as mulheres. Este é apenas o começo, e precisa ser organizado contra os chefes capitalistas. Isso também significa unir forças com trabalhadores masculinos contra os chefes. As mulheres da classe trabalhadora não são *apenas* uma parte importante da força de trabalho e, portanto, são lutadoras importantes contra o capitalismo. Muitas vezes, é relatado que as mulheres das classes e povos oprimidos estão muito mais determinadas em sua luta contra os opressores. Yaa Asantewaa, por exemplo, a rainha de Edweso e uma líder estratégica do levante revolucionário do povo Ashanti, provocou uma revolta contra os ocupantes britânicos em 1900 afirmando que as mulheres iriam começar uma guerra contra os ocupantes britânicos se os homens se recusarem a fazer isso. Os sindicatos militantes devem aprender com a história e organizar as mulheres, colocando-as em cargos de liderança. Além disso, os sindicatos militantes precisam lutar por creches, pagar maternidade e outras demandas que são muito importantes para mulheres trabalhadoras. Os grupos de mulheres dentro dos sindicatos devem ser construídos, apoiados por trabalhadores masculinos progressistas, para lutar contra qualquer forma de sexismo dentro do movimento trabalhista! As mulheres revolucionárias lutam por sindicatos militantes; Elas os construíram e lideraram junto com trabalhadores do sexo masculino. Estes últimos podem se considerar afortunados de ter como parceiras mulheres tão determinados na luta de classes!

9. A terra deve ser dada aos camponeses pobres, com as mulheres desempenhando um papel igualitário.

As áreas de trabalho profissional eliminam o isolamento relativo de muitas mulheres empregadas em unidades econômicas relacionadas à família. No entanto, as exigências e os desejos de muitos camponeses pobres devem ser respeitados e cumpridos. Os camponeses pobres devem se tornar aliados dos trabalhadores das fábricas e da área de serviços afim de esmagar o capitalismo e construir uma sociedade socialista. Mais do que isso: apenas uma colaboração estreita entre os camponeses e o proletariado pode desenvolver a força econômica. Como o famoso revolucionário Leo Trotsky declarou: "*É preciso explicar no campo que todos os esforços do operário para ajudar o camponês fornecendo à aldeia as máquinas agrícolas deixam de ter resultado enquanto não for estabelecido o controle operário sobre a produção organizada.*"¹⁰⁰ Mulheres revolucionárias lutam pela expropriação dos grandes proprietários de terras estrangeiros e nacionais e corporações agrícolas. Lutamos pela nacionalização da terra e pela distribuição da terra aos camponeses pobres, que devem ser daqueles que as utilizam. A distribuição da terra deve ser igual entre os homens e as mulheres do campesinato pobre, ou seja, as camponesas

devem ter uma participação igual na propriedade conjunta da terra. As cooperativas dos camponeses pobres devem ser construídas de forma voluntária e de igualdade de gênero. Além disso, a venda dos terrenos deve ser proibida. A maioria das mulheres nas áreas rurais da África negra precisa andar por pelo menos 30 minutos para chegar à água. Portanto, para nós mulheres do campesinato pobre, é vital que a infraestrutura agrícola seja desenvolvida, incluindo o abastecimento de água, eletricidade, sistemas de esgoto e muito mais. Nada disso pode ser alcançado sem uma estreita colaboração com os trabalhadores proletários!

10. Os pobres urbanos e rurais são aliados íntimos dos trabalhadores na luta contra o imperialismo.

Os países semicoloniais estão em muito mal estado economicamente, porque são forçados a se tornar dependentes dos países imperialistas, que saqueiam os recursos naturais desses países e super-exploram seus habitantes. O resultado é a fome e a pobreza para a maioria das pessoas, que afetam mais as mulheres. As mulheres representam mais de metade da população mundial e contribuem com 2/3 das horas de trabalho (quando incluímos trabalho doméstico não remunerado). No entanto, recebemos apenas 10% da renda mundial e possuímos menos de 1% dos recursos. Não é de admirar que 60% dos mais pobres são mulheres. A proteção da economia nacional contra a influência imperialista é extremamente importante, pois somos levados à pobreza através da super-exploração pelos imperialistas. É a besta imperialista que explora os trabalhadores nas fábricas e, ao mesmo tempo, cria massas de pobres rurais e urbanos. Embora os pobres rurais sejam principalmente de países pobres, os pobres urbanos são "ex-trabalhadores autônomos". 20% da população urbana da América Latina, 31% no sul da Ásia e 55% na África negra vivem em favelas. No geral, isso significa que 1 em cada 8 pessoas no mundo vivem em favelas. À semelhança dos pobres rurais, os pobres urbanos têm interesse em colaborar estreitamente com a classe trabalhadora para esmagar o sistema baseado em classes. As mulheres revolucionárias defendem a organização de forças conjuntas da classe trabalhadora, com os pobres rurais e urbanos para expulsar dos países semicoloniais os imperialistas. Lutamos pela independência real dos países semicoloniais e pelo cancelamento imediato de todas as dívidas a instituições imperialistas como o FMI e o Banco Mundial. Essas instituições impõem dívidas em nossos países e, como resultado, somos forçados a viver na pobreza para que eles possam obter seus recebimentos de juros enormes! Em vez disso, defendemos que os gangsters financeiros devem ser obrigados a pagar-nos cada centavo que receberam sob o regime da dívida imperialista. Além disso, os imperialistas devem pagar reparações maciças aos povos dos países pobres que foram explorados há séculos!

11. Massivos programas de investimento público para criar empregos através do desenvolvimento da economia, infraestrutura e sistema social, são demandas importantes para erradicar a pobreza.

Além disso, é vital que sejam feitos investimentos massivos para melhorar as condições de vida atuais nas favelas. No entanto, tudo isso é impossível enquanto a economia dos países semicoloniais esteja nas mãos dos imperialistas. As classes oprimidas nos países semicoloniais são as únicas que são capazes de nos livrar dos imperialistas. Enquanto, na aparência, parece que é do interesse dos capitalistas nacionais protegerem sua própria economia nacional, são, de fato, os primeiros a obedecer aos ditames imperialistas, a fim de manter sua própria riqueza e

seu domínio. Eles temem com razão pela posição de sua própria classe, pois não haverá classe exploradora, nenhuma classe capitalista, sob o socialismo. Nós, como mulheres das classes oprimidas, temos o maior interesse em uma economia desenvolvida e protegida, uma forte infraestrutura e um sistema social que atenda os pobres, que sirva a maioria de nós mulheres. Queremos acabar com a pobreza. Não temos simpatia para aqueles que querem manter sua própria riqueza pessoal em um sistema que é tão dependente de nos manter pobres! Nós exigimos um sistema social que serviços públicos de alta qualidade e de assistência gratuita para crianças. Queremos acabar com o analfabetismo, já que mais de 40% das mulheres na África negra são afetadas por isso. Portanto, exigimos um sistema educacional forte, gratuito e acessível para todos, independentemente do sexo e da idade! Exigimos um sistema social que cubra todos os custos de saúde, incluindo controle de natalidade e aborto! Exigimos uma forte infraestrutura e lavanderias públicas, cafeterias e muitas mais instalações que nos aliviarão do peso do serviço doméstico! Exigimos tudo isso e muito mais, e estamos dispostos a nos organizar para lutar por essas demandas!

12. Queremos construir um movimento revolucionário de mulheres baseado principalmente nos países semicoloniais.

Embora seja a unidade de todos os trabalhadores e pobres que buscamos, respeitamos as diferentes necessidades de cada camada das classes oprimidas. À medida que enfrentamos formas adicionais de opressão que, a maioria dos homens não enfrentam, inclusive a violência sexual, queremos nos organizar em um movimento revolucionário internacional de mulheres. Esse movimento deve basear-se principalmente nos países semicoloniais. Tal movimento deve fazer parte de um partido mundial revolucionário que organiza todas as classes oprimidas e todas as camadas de oprimidos na luta conjunta pelo socialismo. Vamos provar isso novamente, de uma vez por todas: Nós, como mulheres das classes oprimidas, somos os militantes mais decididos da luta de classes!